

O RECOLHIMENTO DO CORAÇÃO O INÍCIO DA VIDA ESPIRITUAL

A palavra recolhimento pode enganar-nos, pois sugere a ideia de ficar sozinho num local isolado, como, por exemplo os monges ou os eremitas que retiravam em locais isolados, remotos, para longe do ruído frenético do mundo. De facto, a palavra latina «solus» que significa estar só, sem ninguém. Durante os séculos muitos homens e mulheres, desejosos de viver uma vida espiritual mais profunda, retiraram-se para locais remotos - desertos, montanhas ou densas florestas - para viverem uma vida de solidão.

Provavelmente é difícil, se não impossível, passar da solidão para o recolhimento sem qualquer forma de afastamento deste mundo repleto de distrações. Por isso, é compreensível que aqueles que procuram crescer na vida espiritual se sintam atraídos por locais e situações onde podem estar sozinhos, alguns por um tempo limitado, outros de forma prolongada e mais permanente. O tempo é necessário, mas o recolhimento que conta é o recolhimento do coração; que é uma qualidade ou uma atitude interior que não depende do isolamento físico.

O afastamento é necessário para desenvolver o recolhimento do coração, mas seria triste se o considerássemos um privilégio reservado aos monges e aos eremitas. De facto, o recolhimento interior é uma capacidade humana que desenvolver-se, no centro de uma grande cidade, no meio de uma vasta multidão e no contexto de uma vida ativa e produtiva. Um homem ou uma mulher que tenham desenvolvido este recolhimento interior do coração não se deixam atrair pelos estímulos divergentes do mundo, mas são capazes, de entender e julgar o mundo, a partir do centro sereno e interior do coração.

Vivendo com mais atenção, podemos perceber cada vez melhor a diferença entre estar presente no isolamento e estar presente no recolhimento. Esta sensibilidade interior é o início da vida espiritual.

Podemos estar sozinhos, no escritório, numa sala de espera ou em casa e, sentir dentro de nós uma solidão insatisfeita ou também gozar de um recolhimento sereno. Ensinando, escutando, trabalhando, vendo um filme, conversando ou durante uma pausa do trabalho, podemos sentir-nos invadidos por um sentimento de dolorosa solidão, ou também o contentamento profundo de quem fala, escuta e observa tudo, a partir do centro tranquilo do recolhimento interior do coração.

Olhando ao nosso redor, não é difícil distinguir as pessoas inquietas e as pessoas tranquilas, entre quem está fadigado e quem está o liberto, entre o solitário e o recolhido. Quando vivemos recolhidos no sossego do coração, podemos escutar com atenção as palavras e o mundo, mas quando estamos fechados no nosso isolamento interior, temos tendência de selecionar apenas as palavras e os acontecimentos que produzem satisfação imediata.

Contudo, o mundo, não está dividido entre pessoas isoladas e pessoas tranquilas. Todos flutuamos constantemente entre estes os dois polos, solidão e recolhimento. Todos mudamos continuamente, de um polo para o outro, em cada hora, em cada dia, ou em cada de semana, mês ou ano. Devemos confessar que temos uma influência muito limitada sobre estas flutuações interiores. Fatores, conhecidos e desconhecidos, condicionam constantemente o nosso equilíbrio interior. Mas quando temos a capacidade de reconhecer os polos de tensão entre os quais oscila a nossa vida interior, podemos discernir com mais facilidade o caminho que queremos seguir. O desenvolvimento desta sensibilidade interior abre-nos o caminho a seguir e, por isso, deixamos de nos sentires perdidos e desorientados. Esta sensibilidade interior ajuda-nos a discernir em que sentido queremos conduzir a nossa vida interior.

O início da vida espiritual

O desenvolvimento desta sensibilidade interior representa o início da vida espiritual. Muitas vezes, pela ênfase que demos aos relacionamentos humanos, esquecemos de desenvolver esta sensibilidade interior.

Ao transformarmos a nossa solidão em recolhimento, estamos a criar esse espaço livre para podermos descobrir e escutar as vozes que nos falam da exigência fundamental nosso ser, ou seja, da nossa vocação. Quando as nossas questões, problemas e preocupações não são postos

à prova e amadurecidos na serenidade do coração, não é realista esperar respostas duradoiras que sejam verdadeiramente nossas.

É frequente andarmos num frenesim à procura de respostas, batendo de porta em porta, sem termos escutado, com genuína e profunda atenção, as nossas perguntas. Rilke diz ao jovem poeta:

Quero pedir-te, com todas as minhas forças, que sejas paciente com tudo o que tens por resolver no teu coração e tentes amar as próprias perguntas... Não procures neste momento respostas que no te podem ser dadas porque não serias capaz de as viver. E o importante é viver tudo. Vive agora as perguntas. Talvez então, gradualmente, sem dares muito por isso, descubras um dia a resposta... aceita o que te acontecer com muita confiança, e se sentires que isso provém da tua própria vontade, de uma necessidade íntima do teu ser, aceita-o de boa vontade e não odeies nada.

Uma pessoa solitária não tem tempo, nem tranquilidade interior, para esperar e escutar. Deseja respostas, respostas imediatas. Mas no recolhimento podemos dar atenção as nossas perguntas. O recolhimento interior não tem nada a ver com egocentrismo ou com uma introspeção doentia, mas é dar atenção amorosa a tudo o que se passa no íntimo do nosso coração. Aí, também, podemos dar atenção aos outros e aproximarmo-nos deles, nos sequiosos de atenção e afeto, mas oferecendo-lhes uma sincera amizade. O recolhimento não nos afasta dos outros, pelo contrário, torna possível a comunidade.

O monge trapista Thomas Merton, que passou os últimos anos da sua vida como eremita, em 12 de janeiro de 1950, apontou no seu diário:

Neste recolhimento profundo eu descubro a doçura com que posso amar verdadeiramente os meus irmãos. Quanto mais recolhido eu fico tanto mais afeto tenho por eles. Trata-se de afeto puro, pleno de reverência pelo recolhimento dos outros.

À medida em que Ele foi crescendo em maturidade espiritual, começou a ver com profunda clareza que o recolhimento não o separava dos irmãos, dos seus contemporâneos, mas, pelo contrário, o punha numa comunhão profunda com eles. Um dia em que estava de passagem, numa curta visita a Louisville, observando as pessoas num centro comercial, muito movimentado, escreveu:

Embora nós os monges estamos «fora do mundo», estamos a viver no mesmo mundo que todos os outros, o mundo da bomba, o mundo do ódio racial, o mundo da tecnologia, o mundo dos meios de comunicação, dos grandes negócios, revoluções, e tudo o mais. É que nós adotamos uma atitude diferente perante todas estas coisas, porque pertencemos a Deus. Mas todos pertencem a Deus. Trata-se, portanto, de uma diferencia ilusória. Esta sensação de estar no mesmo mundo dos outros constituiu um alívio tão grande e trouxe-me tanta alegria que quase desatei a rir às gargalhadas. E suponho que a minha felicidade se poderia exprimir nestas palavras: «Obrigado, meu Deus, obrigado meu Deus, por eu ser como qualquer outra pessoa, por ser apenas um homem entre os demais» [...] É um destino glorioso ser um membro da raça humana, embora seja uma raça dedicada a muitas coisas absurdas e que comete erros terríveis: no entanto, apesar de tudo, o próprio Deus a glorificou tornando-se num dos membros da raça humana! Pensar que uma percepção tão comum me assaltasse assim, de repente, como alguém quando descobre que tem nas mãos o bilhete vencedor de uma lotaria cósmica!

Tenho a imensa alegria de ser homem, membro de uma raça em que o próprio Deus encarnou. Como se os sofrimentos e os disparates da condição humana pudessem dominar-me, agora percebo o que todos somos. E, ao menos, que cada um pudesse dar-se conta disso! Mas não é possível explicá-lo. Não há maneira de dizer às pessoas que elas são como brilhantes cintilando ao sol.

Isto não altera o sentido e o valor do meu recolhimento, porque, de facto, a função do recolhimento é precisamente tornar-se consciente destas coisas com uma tal clareza, impossível de obter por certas pessoas completamente imersas nas preocupações, nas ilusões e nos automatismos de uma existência altamente coletiva. O meu recolhimento, contudo, não me pertence, porque agora apercebo-me até que ponto pertence também aos outros - e quanto eu sou responsável por ele e, não apenas, perante mim mesmo. É por me sentir um com eles que lhes devo o facto de estar só, e quando estou sozinho eles deixam de ser «os outros», para serem o meu próprio eu. Não existem estranhos!

A experiência espiritual de Tomás Merton ensina que o recolhimento interior aprofunda o nosso afeto pelos outros. É o local onde a

comunidade real se torna possível. Embora Tomás Merton tenha vivido como monge, primeiro numa comunidade monástica e mais tarde num mosteiro, torna-se claro para ele, o que realmente conta não é o afastamento físico, mas o recolhimento do coração.

Sem o recolhimento do coração, qualquer intimidade, a amizade, o casamento e a vida comunitária não podem ser criativas; todas as relações perdem consistência, tornam-se facilmente ávidas de afeto, para preencher o nosso vazio interior; tornamo-nos dependentes porque os procuramos não como seres humanos, mas como instrumentos para satisfazerem as nossas próprias e, tantas vezes, escondidas carências.

O mistério do amor consiste em proteger e respeitar a solidão do outro, oferecendo-lhe um espaço livre de qualquer apego, onde ele possa movimentar-se e transformar o seu próprio isolamento num recolhimento que pode ser partilhado. O recolhimento interior fortalece-nos, consolida o respeito mútuo, oferece uma consideração solícita, porque respeita a intimidade do outro, com uma compreensão reverente pelo carácter sagrado do coração humano.

Neste recolhimento profundo encontramos a coragem de penetrar no silêncio do nosso eu mais íntimo e aí descobrir a voz d'Aquele que nos convoca para uma «comunhão» que ultrapassa os limites da proximidade humana. Neste recolhimento podemos nos entrever a presença suave d'Aquele que abraça amigos e amantes e nos oferece a liberdade de nos amarmos uns aos outros, porque Ele nos amou primeiro (cf. João 4, 19).